

# Geografia Humana: ciência ou ideologia?

**GREGORY, D.**, Ideology, Science and Human Geography, **Hutchinson University Library, Londres, 1979** índices, figuras, bibliografia, 198 p.

Odeibler Santo Guidugli \*

O estudo do desenvolvimento do pensamento geográfico tem sido uma das preocupações na evolução da ciência. Mas a análise das reflexões já efetuadas mostra o quanto foram marcadas pelas anteriormente efetuadas, assim como pelos contrastes existentes entre a ciência e a sociedade. A sociedade atual é bastante complexa e, assim, complexas são as relações entre ela e a geografia e complexos são os procedimentos para estabelecer estas relações.

Na busca da compreensão das relações, bem como dos procedimentos para entendê-los, constata-

mos que tem crescido a preocupação entre os geógrafos com a necessidade de esclarecer os fundamentos epistemológicos de sua disciplina. Curiosamente, esta preocupação tem coincidido com uma tendência em direção a maior fragmentação do pensamento geográfico na atualidade. Esta situação propõe aos seus cientistas um difícil dilema: o de buscar a origem, os métodos e os limites da ciência geográfica num momento em que ela prossegue em seu processo de partilhamento.

Ao lado desta ordem de preocupações, uma outra, de igual importância, toma vulto: a questão

---

\* O autor do comentário é professor do Instituto de Geociências e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" — Campus de Rio Claro.

de obter uma legitimação da ciência geográfica na vida prática. Embora a teoria seja a base da importância prática da ciência, não se pode, contudo, permanecer ao nível abstrato das coisas.

Simultaneamente, é importante avaliar o quanto a geografia, como nós a conhecemos hoje, é o produto de uma série de decisões, algumas mais cuidadosas, outras mais impulsivas, algumas marcadas por profundo idealismo e outras por nitido pragmatismo. Importa também avaliar como ela tem sido vista na prática e como passar da teoria à prática. São estas as duas preocupações fundamentais de Gregory neste livro.

Como tema fundamental de todo o livro, constata-se a preocupação do autor em desenvolver, de forma abrangente, uma concepção alternativa de ciência, a qual envolveria a passagem de uma posição mais tradicional, ou que chamou de positiva, para uma outra de natureza explicitamente crítica.

Embora este empreendimento não seja totalmente novo, uma vez que, ainda em caráter recente, outros já se preocuparam com ele como, por exemplo, Harvey (1969) e Claval (1975)<sup>1</sup>, temos aqui um significativo acréscimo com a preocupação em torno da Geografia como ciência legitimada na vida prática.

Os temas abordados estão ordenados no livro em duas partes: uma primeira onde o autor estabelece alguns elementos de crítica sobre o positivismo na Geografia, e uma segunda onde ele procura apresentar a Geografia como uma ciência crítica e as diversas alternativas para a sua formulação.

A parte inicial, constituída de dois capítulos, "O legado positivista na geografia" e "No lugar da ciência espacial", pode ser vista

como ampla discussão e crítica do positivismo científico na Geografia e sua caracterização como uma ciência espacial positivista. O primeiro capítulo concentra-se no exame da posição do positivismo histórico e como ele foi visto por geógrafos nos anos cinqüenta, sessenta e mesmo nos anos setenta.

Analisando em caráter de maior detalhe a questão do positivismo na Geografia humana, Gregory adverte que muito da pesquisa geográfica atual poderia ser descrita mais cuidadosamente como uma discussão *ideológica*. Ideologia que, para ele, tem o sentido de um discurso informativo, enquanto a ciência se obriga a ser autocrítica, além do que o termo parece ter, nos dias atuais, forte sentido de confrontação. Esta, segundo o A., não é a alternativa correta para o desenvolvimento científico da geografia.

O segundo capítulo é utilizado pelo autor para avaliar o crescimento dos estudos da Geografia com base no positivismo e as conseqüências disto para a análise espacial. Revendo os fundamentos metodológicos do positivismo, quer em sua versão clássica quer em sua versão mais moderna (o real, a certeza, a precisão, a utilidade e a relatividade), estabeleceu relação com os fracassos e dificuldades criadas por eles diante da tentativa de olhar a Geografia como uma teoria geral de sistemas espaciais. As evidências desta situação estão nos fatos e tentativas da geografia humana contemporânea frequentemente enfatizar puramente conceitos espaciais, mas ser incapaz de se constituir numa verdadeira "ciência espacial".

A segunda parte do livro, a mais extensa, é composta de três capítulos: "Explicação estrutural em Geografia", "Expansão reflexiva

<sup>1</sup> HARVEY, D., (1969). *Explanation in Geography*. Londres, Edward Arnold. CLAVAL, P., (1974). *Essai sur l'évolution de la géographie humaine*, Paris, Les Belles Lettres.

em Geografia” e “Explicação pragmática em Geografia”.

Gregory destinou um capítulo para cada uma das diferentes explicações, mostrando o caráter limitativo de cada uma. Entretanto, como conclusão, realça que elementos das três poderiam fornecer as bases para a elaboração de uma ciência crítica. Para tanto, os geógrafos precisariam reconhecer que a atividade humana duplamente cria e responde a uma variedade de sistemas e por isto um cientista deve ser continuamente crítico do sistema a partir do qual desenvolve uma teoria social. Isto porque os padrões espaciais devem ser avaliados mais como articulações de processos sociais do que os processos sociais inferido a partir de padrões espaciais.

Ao final, no capítulo de conclusão, “Um lugar entre as ciências sociais”, o A. destaca duas questões globalmente significantes: a primeira sobre aspectos da significância prática da Geografia ao considerar como prioritário em suas investigações as relações entre a ciência e a sociedade, ou seja, buscando explicitar melhor as suas funções sociais; a segunda realçando a necessidade de se estabelecer uma relação entre a elaboração do discurso científico e as condições sociais.

A partir da análise do texto, ponderamos que a Geografia pode ser considerada uma tarefa, um empreendimento muito mais difícil do que muitas vezes nós, militantes da ciência, estamos preparados para admitir. Precisamos nos preparar para desenvolvê-la nas formas aqui preconizadas pelo A., e para tanto precisamos também começar a abandonar nossas crenças e desejos de que a Geografia seja uma ciência “ponte”, um conjunto de

conhecimentos que pretenda “estabelecer ligações”, mas que não chegue a compreender depois aquilo que “ligou”. Talvez seja por isto que percebemos a ênfase de Gregory na abordagem segundo a qual a Geografia teria maiores possibilidades de se tornar uma ciência crítica, relacionando estruturas espaciais e estruturas sociais, teorizando cada uma em relação a outra. Assim agindo, poderia produzir uma verdadeira geografia humana.

O livro tem o grande mérito de reexaminar a natureza da Geografia depois da “revolução quantitativa” e de fornecer uma crítica da disciplina a partir da perspectiva das ciências sociais em geral. Mas o livro não pode ser considerado apenas uma história das idéias contemporâneas dela, mas também um bem apresentado conjunto de idéias de suporte para a Geografia elaborar uma ciência humana crítica.

Questionando muitas das afirmações do positivismo, o A. procurou, antes de tudo, reintroduzir no lugar adequado o homem nos estudos da Geografia, tarefa esta que já é feita com certo atraso.

Gregory manteve em toda a obra um estilo polêmico, mas é justamente este caráter que torna a leitura não monótona mas interessante, mesmo que, como leitores, possamos discordar de muitas de suas afirmações e análises.

É preciso ponderar sobre o pensamento geográfico para reutilizá-lo ou redefini-lo, independente de ficarmos vinculados à suposição de que os conceitos holístico, ou relacional, ou materialista, ou . . . , sejam individualmente os detentores das soluções dos problemas teóricos e práticos da Geografia.